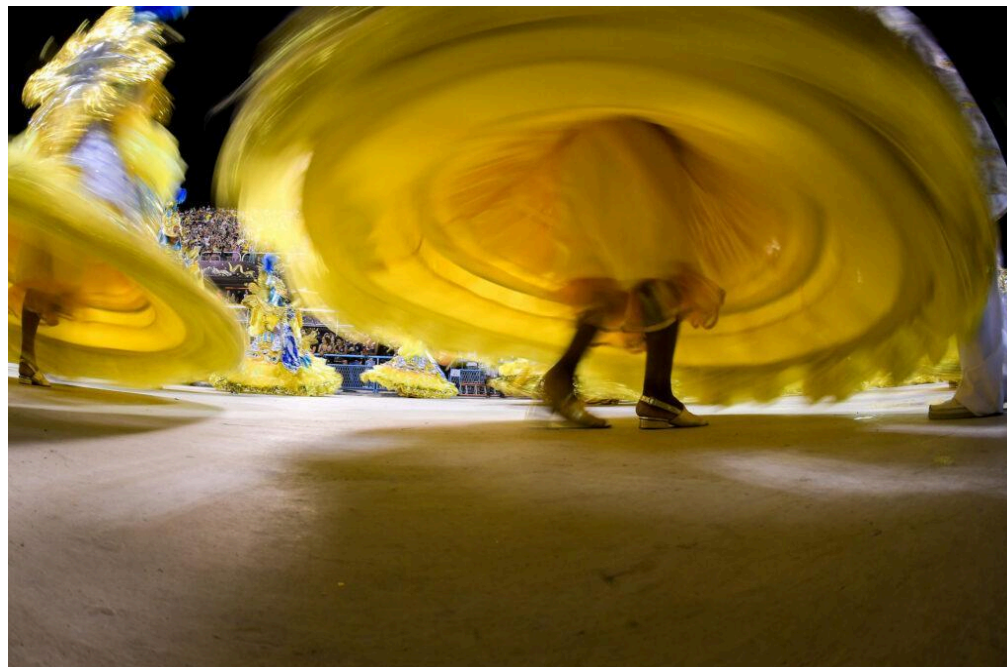


## Onde está o $\pi$ na Escola de Samba?

Jéssica Lins de Souza Fernandes

A pulsão por construir uma resposta para a pergunta que abre este texto me leva imediatamente a pensar nas saias rodadas das baianas da Império Serrano, no aro do tambor sincopado de Mestre André, na bandeira de Vilma Nascimento que gira e transborda seu amor pelo pavilhão da Majestade do Samba.

**Figura:** Ala das Baianas da [Grêmio Recreativo Escola de Samba Paraíso do Tuiuti](#), em 2020.



Fonte: Dhavid Normando Riotur, disponível em <https://cultura.metrosp.com.br/carnaval/>.

Mas logo outra indagação me invade: o que faz essas coisas nos fascinarem tanto, afinal?

Será o transe produzido pelo cruzamento de cores e ritmos que pulsam infinitamente? Será o corpo que dança e gira em torno desse encontro? Será que giramos junto?

As saias apoteóticas das baianas carregam camadas de tecido e de ancestralidade. Circulam pela Avenida como circulam pela vida: abençoadas pelas lutas de quem já foi e abençoando os caminhos de quem está sendo. Lutas contra o racismo e contra o machismo que não se findam nunca, mas que encontram no samba o caminho para evolução da liberdade.

Os redondos tambores têm vida própria. Quando tocados, vão buscar quem mora longe e fazem dançar os corpos presentes. Marcando não só o tempo que foi, mas também a batida que falta, batem com(o) o coração e marcam o permanente pulso da vida.

O pavilhão, quando gira com os braços da Porta-Bandeira, mostra ao mundo o símbolo de resistência e de reinvenção de toda uma comunidade. Gente que trabalha noite e dia para que tenham um dia, afinal, o direito a uma alegria fugaz. Artistas, sambistas, passistas, Rainhas e Mestres – pessoas apaixonadas pelo samba e comprometidas a não deixá-lo morrer.

E onde está o  $\pi$ , afinal?

Sem pretensão alguma de dar uma resposta redonda, diria que o pi está justamente na beleza da incompletude desses gestos. Na permanente dança que gira entre sobrevivência, resistindo às tentativas de regulação, e transcendência, criando e recriando caminhos de emancipação.

Me parece que a beleza dessas coisas está mesmo é no constante circular em torno de si e de suas comunidades.

Está no pé que risca o chão para sambar miudinho sem sair do lugar, nos pés e cabeças que giram com o toque do surdo e do tamborim. Na circularidade de saberes, emoções, lutas e trocas incessantes. No verde-e-rosa da bandeira que se dobra na quarta-feira e guarda em si todas as histórias de sua comunidade, e que se reabre no ano seguinte produzindo novos sonhos e narrativas de futuro.

Número transcendental, o pi fascina pela sua incompletude, pela eterna busca de respostas que acabam por produzir mais e mais questionamentos. As Escolas de Samba nos emocionam pelo constante caminhar para o futuro, sempre em busca de suas raízes, girando e dançando enquanto denunciam desigualdades e anunciam novos mundos.

Assim, o fascínio pelas coisas que giram e circulam, pelo pi e pelo pisar na Avenida, está em saber que, por serem dança, não se acabam nunca.